

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Toda a correspondência deve ser dirigida a
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLÉRICAL E DE COMBATE

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO... 1080 SEMESTRE... 68c
PAGAMENTO ADIANTADO
No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

ONDE ESTÁ IDALINA ?

As selvajarias policiaes - A farda, a batina e a casaca contra nós - A informação do dr. Vicente de Carvalho

O comicio de domingo — As infamias da policia — Uma victima da sanha da policia — Miseravel procedimento do "Estado de São Paulo", do "Commercio de São Paulo", da Platéa" e do "Diario das Cozinheiras" — Provação irritante do idiota D. Duarte.

Consummou-se a infamia policial! Como estava annunciado, e apesar da irritante prohibição da policia, o povo liberal de S. Paulo tentou realizar no ultimo domingo o solenne comicio de protesto contra os padres assassinos e estupradores do Orfanato Christovam Colombo e contra a policia que os está protegendo infamemente, procurando abafar o inquerito, afim de salva-los do carcere, justo castigo que elles merecem.

A policia, violando os direitos garantidos pela constituição da Republica — o de reunião e de livre manifestação do pensamento pela tribuna — occupou militarmente o largo de S. Francisco, onde não consentia que ninguém se reunisse, e, nas ruas centraes, mandou espaldeirar o povo brutalmente e varre-lo a pata de cavallos.

Bella prova de civilismo! Os nossos amigos Oreste Ristori e Alexandre Cerchiai, da Battaglia, dr. Passos Cunha e Edgard Leuenroth e José Romero, desta folha, foram presos, e á hora em que escrevemos ainda continuam na prisão, aguardando o julgamento de uma ordem de habeas-corpuz que em seu favor foi impetrada.

As dedicadas socias da Associação Feminina de Instrução Moderna — sras. Celina Nerva, Rina Ranzenighe, Mercedes Ristori, Pasqua Sarvinelli, Anna Bresnan e Antonietta Cuella — também soffreram durante quasi 24 horas os rigores do carcere, tendo sido soltas porque em seu favor havia também sido impetrada uma ordem de habeas-corpuz, que devia ser julgada hontem, ás 4 horas.

Muitos outros dentre os nossos amigos foram estupidamente espancados pelos soldados e depois recolhidos a diversos postos policiaes.

A clericalinha exultou! A policia fez-lhe todas as vontades, mostrando-se Washington Luiz um digno chefe de carrascos, ao serviço dos estupradores e assassinos.

A malta de secretas policiaes, aproveitando-se da conclusão, assassinou barbaramente um infeliz soldado, porque havia pensado que, si fosse victima um dos mantenedores da ordem, no momento transformado em algoz do povo e provocador de desordens, poderia atirar a culpa desse crime sobre os agitadores anticlericaes.

A nossa imprensa, com excepção dos diarios italianos *Fanfulla* e *La Vita* e dos jornaes brasileiros *São Paulo* e *Gazeta* foi de uma infamia inominavel.

Do *Correio Paulistano* não podemos nos queixar: é orgam da camarilha que governa S. Paulo, acolytada pelo arcebispo imbecil D. Duarte Leopoldo, e pelos padres estupradores e assassinos do Orfanato Christovam Colombo.

Mas, devemos chamar a attenção dos liberaes desta terra para o procedimento indigno, infame, vil, abjecto do *Estado de S. Paulo*, do *Commercio de São Paulo*, da *Platéa* e do *Diario das Cozinheiras*. A *Platéa* tem ainda uma justificativa para a sua infamia — é um jornal que vive quasi exclusivamente das sopas da verba secreta e que nas suas columnas, a tanto por linha, publica tudo quanto o governo quer que seja publicado.

O *Commercio* e *Estado* é que não têm justificativa nem excusas para as infamias que praticaram. São dois jornaes ricos, cujos directores deviam ter mais um pouco de dignidade e não consentir que os Guastini e Hormisda, assalariados pela policia e pelas casas de tavolagem, publicassem nas suas columnas todas as infamias que a policia lhes ordena que publiquem.

Si os liberaes de S. Paulo não desprezarem esses tres jornaes — *Platéa*, *Estado* e *Commercio* — negando-lhes os seus tostões, isso significará que entre os liberaes não ha noção do cumprimento do dever.

Iamos nos esquecendo do *Diario das Cozinheiras*. Orgão das sacristias, preferido para a publicação das nominatas, propriedade de um velho urso que á beira do tumulto só tem prazer de contar os tostões da venda avulsa, e dirigido por um bacharel incapaz de escrever duas linhas sem dizer quatro asneiras, esse jornal indecente, alvo das risotas dos collegas e das pessoas intelligentes, não poderia deixar de escrever, sobre os factos de domingo, sinão as sandices habituaes, escouceando a grammatica e o bom senso.

Aos liberaes cumpre dar a resposta de que se tornaram mercedores esses quatro jornaes brasileiros, negando-lhes as suas assignaturas, os seus annuncios e os seus tostões.

Talvez criem assim um pouco de brio nas faces deslavadas desses despuadorados e falsos mentores da opinião publica.

Completando a obra de infamia da imprensa surgiu nos, pela primeira vez tomando uma attitude no caso Idalina, o palerma d. Duarte Leopoldo, arcebispo de S. Paulo.

Este jesuita, que ainda não chamou a ordem os padres assassinos e estupradores do Orfanato, esse idiota, que se deixa governar pela fradaria criminosa expulsa das Phillipinas que dirige a *Gazeta do Povo*, mandou um seu representante apresentar pesames ao nosso Trepoff pela morte do infeliz soldado e fez-se representar no enterro da victima da policia, desse pobre soldado assassinado traiçoeiramente.

Idiota e malvado! Rejubilem todos os bandidos que, colligados, pensam, poder esmagar um nobre movimento de indignação popular.

Rejubile o sr. Washington Luiz!

Nós, não nos consideramos vencidos, e, dentro da lei ou fóra della, saberemos fazer respeitar os nossos direitos e a nossa dignidade de homens livres!

AO POVO brasileiro

Presos o director e administrador desta folha, outros os vieram substituir. Cá estamos na brecha! Para gritar contra os torpes crimes do jesuitismo avassalador do nosso paiz, contra os vandálicos assassinos policiescos, nem animo nem forças nos faltarão! A sublimidade da nossa causa dá-nos alento e coragem para proseguir.

Toda a banda criminosa do vaticano, tendo á frente os frades allemães, hespanhoes e italianos, e servidos pelos torvos assassinos da policia clerical, famulos do Santo Officio, tentam abafar em sangue as nossas accusações, cuja verdade cada vez se está tornando mais evidente.

E' o mesmo conluio dos bandidos que assassinaram Ferrer! Nada nos fará porém recuar! Só nos calaremos quando se fizer justiça!

O Comicio

A nossa constituição dá-nos o direito de reunião, mas como pode esse direito ser respeitado, tratando-se de uma reunião de anticlericaes e estando a policia e quasi toda a magistratura ao mando dos frades estrangeiros?

Forçosamente a lei deveria ser calcada aos pés, e foi o que aconteceu. O comicio foi prohibido pela policia, capanga dos padres e apoiada a prohibição pelo tribunal... do Santo Officio.

Qual o dever dos anticlericaes nessa emergencia? Conformar-se com essa frisante transgressão da lei pela propria autoridade encarregada de a fazer respeitar? Não. Quando a autoridade desacata e despreza as normas pelas quaes deve ser regida a sua acção, o povo tem o dever de se insurgir contra tal arbitrariedade, desobedecendo áquelles que abusando do poder lhe querem coactar a sua liberdade.

O "Commercio de S. Paulo", porém, não pensa assim, ou antes, não diz assim. Acha que as anticlericaes tinham o direito de fazer o seu comicio, que a policia não o podia prohibir e que o Tribunal atirou a lei á lama não concedendo o "habeas-corpuz"; mas visto que os doutores da lei... elastica, não quiseram dar o seu consentimento, os anticlericaes deviam ter-se conformado...

Só mesmo os inconscientes interesses de uma politicagem pódre e despuadora pode produzir tal logica.

Os anticlericaes, porém, pouco se importaram com a argumentação repugnantemente descarada do "Commercio", "Estado" e "Lanterna", que com os seus equilibrios veigonhosos vão perdendo aos poucos o prestigio que lhes resta como orientadores da opinião publica.

Se o comicio não se realizou, devido á brutalidade dos esbirros, pelo menos viu-se que o povo de S. Paulo está commosco nesta questão.

As ruas do centro regorgitavam de homens, mulheres e crianças que gritavam sem cessar contra os criminosos de sotaina e protestavam contra as violencias infames da policia.

Poucas vezes se tem visto tanto povo agglomerado em S. Paulo, não obstante a prohibição e as ameaças policiaes.

A prisão dos redactores de "La Battaglia" e da "Lanterna"

Deviam ser 7 1/2 horas da noite, nos 4 cantos da rua S. Bento e Direita a cavallaria carregou fariosamente sobre o povo, e o dr. Passos Cunha, tomando um automovel, ao passar pelo largo da Misericordia, convidou os redactores d' "A Lanterna" e de "La Battaglia" a entrarem nesse vehiculo. Nessa occasião o dr. Cunha aconselhou o povo a que se mantivesse calmo. Quando o automovel tomou a rua Direita, em direcção á rua Quinze, a policia ordenou ao "chauffeur" que parasse, e tomando assento no vehiculo, mandou seguir para a Central.

Desde esse momento, portanto, Oreste Ristori, dr. Passos Cunha, Edgard Leuenroth, Alexandre Cerchiaia e José Romero ficaram presos, incommunicaveis.

A morte de um policial

Só depois de ter decorrido mais de uma hora que os nossos amigos acima citados tinham sido presos é que na rua 15 de Novembro se deu o conflicto provocado pela policia do qual resultou a morte de um soldado.

Nessa occasião os esbirros, parecendo allucinados, espancavam barbaramente homens, mulheres e crianças. A cavallaria era lançada a todo o galope sobre o povo que fugia espavorido. Uma criança cahida por terra, sob as patas dos cavallos, dava gritos lancinantes que faziam revoltar os mais empedernidos corações. Este innocente foi salvo milagrosamente.

Nesta occasião ouviu-se um tiro e um soldado cahiu victimado, não por uma baia, como se suppoz ao principio, mas por uma punhalada.

O plano sinistro da policia inspirado pela legião de S. Pedro e pela Ordem de S. Bento

A policia sabia perfeitamente que se deixasse os anticlericaes fazer o seu comicio em paz, nada aconteceria. O povo reunido em uma praça publica, guardado por meia dúzia de soldados nas embocaduras dessa praça, é mais facilmente mantido em ordem de que descentralizado, embora guardado por centenas de policiaes.

O Falcon de S. Paulo sabe muito bem disso; mas elle quiz tirar uma desforra, o seu desejo mais ardente era assistir á camifina dos anticlericaes de S. Paulo, que elle, a Legião de S. Pedro, a Ordem de S. Bento e outros bandos negros não podem tolerar.

O plano, pois, dos clerico-policiaes era provocar a cacetada, tanto nos bairros como na cidade. O povo que protestava, e se este resistisse com algum vigor — a soldadesca empregaria a carabina.

Foi assim que esses assassinos de profissão procederam no Braz. O povo, correspondendo ao apollo de um nosso amigo, partiu

em grande columna do largo da Concordia em direcção á cidade. Ao chegar ao largo do Braz, sahiu-lhe de emboscada uma malta de secretas armados de cacete, e sem a minima advertencia, começaram a espancar brutalmente a multidão, ajudados pela soldadesca armada até aos dentes. E essa foi a conducta da vasta carga de sicarios policiescos em todos os bairros e no centro da cidade.

Ai do povo se elle tivesse correspondido á essas provocações revoltantes! Seria massacrado em massa! Ter-se-ia por completo realizado o plano feroz concertado entre a policia e a negra seita de Loyola! O caso Idalina teria sido suffocado em sangue!

A policia quer salvar os padres estupradores assassinos custe o que custar

A policia tem feito tudo quanto é possível para abafar os crimes dos padres do Orfanato Christovam Colombo: o suborno, a pressão, a mystificação, sem nada conseguir. Tudo talhou diante do combate sem treguas desses amaldiçoados Ristori e Edgard que têm a mania de, a todo transe, defender da bestialidade dos virgens ministros da santa madre igreja, as criancinhas desamparadas.

A policia e o clero viu desfeitas todas as suas machinações, e teve uma ideia... sinistra... deliciosa... «Prohibe-se o comicio... elles veem á praça publica, mesmo com a prohibição... os nossos facinoras provocam-os... elles resistem... e a soldadesca encarregada-se do resto... Depois de mortos elles não perguntarão mais: Onde está Idalina?...

Mas até isto lhe falhou. Agora só lhes resta um meio de se livrarem desses importunos: é processa-los ou expulsa-los daqui, baseando-se em qualquer machinação infame. E é isso que já estão tratando de fazer, querendo relacionar o facto do dr. Passos Cunha ter dirigido ao povo algumas palavras no largo da Misericordia, quando estava no automovel, com o assassinato do soldado na rua 15 de Novembro.

Ora, essa policia, composta de sicarios e jesuitas machinadores, sabe muito bem que o ultimo facto, o assassinato, só succedeu uma hora e tanto depois dos nossos amigos terem sido presos.

E que palavras dirigiu o dr. Passos Cunha ao povo? Aconselhou-o a que se dispersasse em paz, porque a demonstração já estava feita, não obstante a não realização do comicio.

Appello aos amigos

O conluio do clero com a farda tentou suffocar a nossa voz encarcerando o nosso director e o nosso administrador Edgard Leuenroth e José Romero e correndo os nossos amigos, da praça publica, a pata de cavallo, a chanchalho e a cacete. Mas enganaram-se completamente os que assim pensaram: a *Lanterna* não emudecerá a sua voz deante de taes violencias, antes doravante gritará mais energica contra essa corja que por todos os modos procura embargar o nosso caminho, — o caminho da justiça.

Venham outras violencias levem-nos a fazer companhia aos companheiros presos. Que importa, outros virão tomar o nosso lugar, outros lutarão até que um

dia cantaremos victoria... E triumpho não póde tardar, e póde tardar a queda do edificio de oppressões e de embuscos construido pela policia e clero paulistas. E por isso fizemos appello aos amigos e correligionarios para que nos auxiliem moral e materialmente, contra a torpe campanha de odios de que somos victimas. Só assim poderemos affrontar a tyrannia e odio dos nossos implacaveis inimigos, os inimigos da Liberdade e da Justiça.

Contamos, pois, com o apoio de todos.

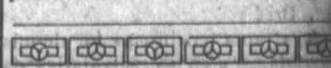
A vangloria dos oppressores

Lavam-se em aguas de rosas os nossos inimigos com as violencias de que somos victimas. E é aggressiva, estúpida a attitude que manifestam deante da supposta victoria alcançada sobre os elementos liberaes. Já falamos sobre as cartas anonymas recebidas por nós. Mas isso não nada, é o ataque traiçoeiro, vingança dos cobardes. Ao lado, porém, está o insulto pessoal. Assim é que segunda-feira quando ainda os animos acalavam-se exaltados, devido aos vandalismos da vespera, os padres formigavam pelas ruas centrais da cidade, onde o policiamento era severo, em attitude declaradamente insolita, em busca, certamente de manifestações aggressivas, que seriam premiadas pelos cães das suas ordens.

Primaram com essas exhibições ostensivas dois dos bandidos acetados no Orfanato. Não lhes sobram os nomes, o que é perissimo. Somos pouco versados em zoologia. Mas esses dois provocadores mais de vinte vezes passaram pela porta da nossa redacção onde era prohibido o estacionamento de pessoas, a excepção das secretas que a guardavam com cães de fila.

Tambem as freiras, as prostitutas do Orfanato, passearam, ruíram, as suas caras delambidas. Mas foi frustrado de modo cabal o catholico intuito da santa genitoria, logo após a supposta victoria, trançar no xadrez do resto dos excommungados adptos do Diabo que estavam ainda em liberdade pelas ruas: as anticlericaes mantiveram-se em suas casas, nas suas occupações e os que sahiram á rua, no exercicio das suas profissões, subiram desprezar dignamente as provocações.

E a policia se mantinha toda a parte de armas embaladas em rigorosa fiscalização para evitar disturbios... Se fosse estúpido, o seu fito, a sua primeira providencia seria evitar as pa-



CAUTERIOS

XVI
Foi abafado o grito da Justiça. A Liberdade foi aos pés calcada. Assim quiseram retirar da liza os que pelejam contra a vil cambada. Não querem angustiar a Liberdade! Grande ansieira prender a Consciência! Uma é do povo a escola dividida. E a outra não se prende com a violencia. O bandido, tremel, vossa victoria. E' ephemera, é banal, bem illusoria! BRATO DA SILVA.

seiatas dos sotainas. Estava de promptidão porque julgava que os animos ainda se conservassem exaltados como na véspera, de certo para prevenir aggressões. E não era um perigo para a ordem o que vimos de comentar? Mais ainda: No Orfanato e na sua succursal, a *Gazeta do Povo* — um abrigo, sabe o Diabo como, os orfãos de pai e mãe e o outro acolta os desherdados do Bom Senso e da Verdade, — foi festejado com foguetes e beberetes o triumpho do Christianismo sobre os elementos destruidores da sociedade.

— Corja de pulhas! réles exploradores dessa sociedade podre que defendeis! O vosso triumpho — o triumpho da violencia e do suborno — será ephemero. E' um ferido que se levanta, á beira dum abismo, ergue-se um pouco, sorri confiante, e depois cambaleia, e despenha-se para sempre! Festejai, pois, o aprumo que, feridos de morte, vos quereis dar: o barathro imprevisito vos espera!

APONTAMENTOS DUM SOLITARIO

Todos ficaram de accordo nisto: que a responsabilidade dos graves e lamentaveis successos de domingo, do sangue derramado, cabe exclusivamente — á policia, ao clero que a instigou a delinquir e á parte da imprensa que o applaudiu.

A policia — preparando o salvamento dos padres accusados, procurando fazer vingar uma mystificação e violando elementares direitos constitucionaes.

Os padres — prérgando o odio e incitando a policia á violencia. A imprensa interessada — colaborando com enthusiasmo na defesa dos padres e na torpe mystificação tentada e justificando todas as arbitrariedades.

A nós compete apenas esta responsabilidade: a da defesa da liberdade e da infancia.. violadas.

Infelizmente, a imprensa brasileira não se dirige a uma «Opinião Publica» que ainda não se pôde formar até hoje neste paiz, mas ao diminuto corpo eleitoral e mais ainda aos pequenos grupos de influencias politicas...

Um refohudo jornal diz que não é clerical nem anticlerical, mas liberal...

O liberalismo deu-lhe para defender os padres contra toda a evidencia, para colaborar com ardor numa indecente mystificação e para apoiar as prepotencias policiaes...

O organo official do civilismo de batina diz que, no dia do comicio illegalmente prohibido e dissolvido, começaram a apparecer individuos suspeitos...

Com effeito: vinham fardados e armados até aos dentes. A sua intenção criminosa manifestou-se logo contra cidadãos no uso dum direito, contra mulheres e crianças.

Os cossacos civilistas são recrutados em geral entre inconscientes brutos.

Lançados contra o povo, obrigados a excesso de serviço, excitados pela acção, irritados pela resistencia e feridos no seu espirito de classe quando algum delles recebe o trôco, tornam-se feras...

Outra responsabilidade que incumbe ao chefe: o odio inconsciente contra o povo, odio do qual apenas fica isenta uma minoria de policiaes de coração ou sympathizantes com a nossa obra...

Diz o tal organo official que a policia — cuja habilidade ficou bem patente no caso Idalina — estava, antes do comicio, senhora do fio duma trama tenebrosa... Brr!

A «trama tenebrosa» foi depois provada — com as selvagerias da policia contra pessoas que exerciam um direito garantido pela Constituição — boa garantia! — que que passavam simplesmente, e pelos poucos actos de defesa ou represalia dos manifestantes...

O mesmo organo liturgico acha vergonhosa a solidariedade do *São Paulo* com os «desordeiros»...

A verdade, porém, é que o *São Paulo* não defendeu os desordeiros, agentes do secretario da Justiça.

O qui pro quo tem pilheria.

O que não é «vergonhoso» é dar como provada a identidade da pseudo-Idalina e insultar a esse proposito os anticlericaes...

Insultar homens de bem, que não são parasitas da politica, nem esturpam crianças, é coisa meritoria e digna... E sem perigo...

Curioso! Muitos «civilistas» do alto consideram *civil* synonymo de *ecclesiastico* — o que não os impede de agir a militar, quando lhes convém... No seu guarda-roupa ha a farda e a batina...

Depois de proclamada a Republica e promulgada a Constituição, vê-se que é preciso ainda alcançar os direitos mais elementares...

Já estão escriptos, mas não descem á rua...

Os clericaes, de puro jubilo, queimaram foguetes e tocaram os sinos, quando souberam da prisão dos nossos companheiros.

E' feitiço delles. Já um masmarro conhecido refulgirá publicamente com o fusilamento de Ferrer...

Aquillo dá a medida daquellas almas de apóstolos e christãos... Coitados! Têm de contentar-se com as victorias da violencia...

Victorias que lhes são mais nocivas do que a nós as nossas derrotas.

«O anticlericalismo não tem razão de ser, havendo a separação»...

Quem fez do caso Idalina uma questão clerical foram os padres...

E depois a «Separação, lealmente applicada, apenas poria em presença, com armas iguaes, os dois partidos: clerical e anticlerical. Nada mais. Nada menos.

Mas se fosse lealmente applicada...

Viu-se como a Igreja aqui domina tudo e qual a sua influencia sobre os poderes publicos e a imprensa.

A Igreja procura sempre, naturalmente, dominar politica e economicamente. Suppor que é possível convencê-la de puro apóstolado é rematada simplicidade — manifestamente contraria á realidade e á natureza das coisas.

Dois dias depois da violenta dissolução do comicio, a *Patria Portuguesa*, organo dos republicanos portuguezes, descobriu que a sua firma fôra abusivamente posto no boletim convocatorio, dois dias anterior ao comicio.

E não se contentou com uma breve declaração no jornal, ou quando muito nos diarios: espalhou e affixou com sollicita profusão um indignado protesto... Nada menos.

Pudera! Havia gente na cadeia e a coisa estava preta...

Vê-se que os redactores da *Patria Portuguesa* não são dos heroes da Rotunda...

São antes aparentados com o heroe denunciante da engraçada conspiração monarchista do Rio... N. V.

O protesto da Loja «Roma»

A Loja Maçonica «Roma» lançou o seguinte protesto:

«A Loja Maçonica «Roma», sob a impressão dos funestos acontecimentos verificados, hontem á noite, nesta cidade, por obra de uma policia vandálica e inconsciente, contra uma população inerme e pacifica, que desejava simplesmente, em um «meeting», estigmatizar os vergonhosos actos havidos no Orfanato «Christovam Colombo», lança o seu solenne protesto.

E esse protesto conquista maior força aite os successos de hontem, de que é unicamente culpado o sr. Washington Luiz.»

O habeas-corporis

Em favor dos nossos companheiros e amigos presos foi requerido, pelo nosso amigo Benjamin Mota, um habeas corpus ao dr. Adolpho Mello, juiz da primeira vara original.

Os pacientes compareceram ao tribunal terça-feira, tendo ficado para o dia seguinte a decisão do pedido. Essa decisão, no entanto, contra a expectativa geral, foi contraria ao habeas corpus!

Elis as fundamentadas razões que apresentou o advogado dos accusados:

«O sr. Benjamin Mota arrazoou dizendo que, como poderá verificar o mesmo juiz em face do officio da 2.ª delegacia auxiliar, e do inquerito em que figuravam como indicados os pacientes, soffrem os mesmos constrangimento illegal em sua liberdade, visto como mesmo que pudesse lhes ser attribuida a autoria dos ferimentos em João Luiz de Oliveira e Armando de Andrade, ferimentos esses descriptos nos autos de corpo de delicto de fis. e fis., a prisão seria illegal, porquanto se trataria de delicto do art. 303 do C. Penal em que cabe a fiança.

Mas estabelece o Codigo Penal no artigo 25 que a responsabilidade penal é exclusivamente pessoal; e no § unico do mesmo artigo está estabelecido que nos crimes em que tomarem parte membros de corporação, associação ou sociedades, a responsabilidade penal recahirá sobre cada um dos que participaram do facto criminoso.

Ora, do inquerito, quer no auto de prisão em flagrante, quer no depoimento das 3 testemunhas que já foram ouvidas, não existem referencia alguma a qualquer acção criminosa por parte dos pacientes produzindo os ferimentos nos offendidos referidos.

Diz ainda o dr. 2.º delegado auxiliar na sua informação que investiga para verificar se não são os pacientes responsaveis pela morte de uma praça na rua 15 de Novembro.

A resposta a esse ponto da informação encontra-se no proprio inquerito a fis. no officio do dr. 2.º delegado auxiliar ao exmo. sr. dr. secretario da Segurança Publica.

Nesse officio o dr. delegado auxiliar declara que já havia prendido e remetido para a policia os pacientes quando na rua 15 de Novembro se deu um conflicto e uma praça que ali se achava recebeu uma tacada.

Essa informação é confirmada pela parte de fis. do major secretario da Guarda Civica, em que o mesmo declara que já estavam presos os pacientes quando foi terido mortalmente o soldado na rua 15 de Novembro.

Que está, pois, evidente que não podiam ser elles os autores do delicto, applicando-se ao caso as disposições já citadas do art. 25 do Codigo Penal e seu paragraho.

Resta, pois, excluir a responsabilidade dos pacientes dos delictos de ferimentos leves e da morte, apenas a contravenção do art. 118 e seguintes do Codigo Penal ou o crime de resistencia do artigo 124.

Mas, na contravenção de que trata o tit. 2.º do Codigo Penal, sobretudo em se tratando da do art. 119, os indicados, depois de lavrado o flagrante, devem ser postos em liberdade, porque nessas contravenções livram-se soltos os contraventores.

Mas, como ficou dito na petição de habeas corpus, os pacientes e o povo que se juntou nas ruas da capital não podem ser accusados de sedição e ajuntamento illicito, porque não é illicito fazer aquillo que as leis permitem.

E a Constituição da Republica, nos artigos 72 §§ 8 e 12 garante e assegura a brasileiros e estrangeiros o direito de reunião e de livre manifestação de pensamento pela tribuna; e o Codigo Penal, no artigo 123 e seu § unico, reforça esse direito constitucional declarando que para o exercicio desse mesmo direito não é necessaria licença préviada autoridade policial.

Assim sendo ainda que os pacientes e o povo tivessem resistido não praticariam o delicto de resistencia definido no art. 124 do Codigo, pois esse delicto é o que alguém pratica quando se oppõe a ordens legaes.

Ora, destes autos e dos do inquerito está evidentemente provado que a policia exorbitou de suas funções e violou, empregando a força publica, direitos constitucionaes dos cidadãos.

E' o caso, portanto, de ser concedida a ordem de habeas corpus, porque os pacientes soffrem, evidentemente, constrangimento illegal.

Mas se o egregio julgador entender, na sua alta sabedoria, que os pacientes podem ser considerados indicados como autores dos ferimentos leves já referidos, então o impetrante espera de s. exa. que, fazendo justiça, se digne converter o habeas corpus em diligencia e ordenar á autoridade policial que conceda fiança aos pacientes, pois tratar-se-ia, nesse caso, do delicto do art. 303 do Codigo Penal, que é affiançavel.»

É a assignatura, paga adiantadamente que verdadeiramente sustenta a Lanterna, fuzendo-lhe o melhor combustível.

Accusação aleivosa

Noticiaram os jornaes da policia que os nossos companheiros da «Lanterna» e da «Battaglia» foram presos com armas prohibidas. E para agravar o arrojado aleive accrescentaram que o revólver de Ristori tinha uma capsula detonada. Pura calumnia!

Garantimos nós que os nossos companheiros compareceram desarmados ao comicio, conforme declararam em seus depoimentos. Temos provas disso.

Aos secretas não custava arranjar armas para apresentar como sendo dos suppostos criminosos.

NOTA CURIOSA: — Disse a policia que em poder do Ristori foi encontrado um revólver e em poder do dr. Passos Cunha dezoito balas!

Um trazia o revólver e o outro a munição!

Nem mentir sabe, essa gente!...

A greve geral

Algumas sociedades operarias que nos apoiam contra o clericalismo corruptor, em signal de protesto contra as violencias commettidas sobre os nossos companheiros, quizeram declarar a greve geral. Oppuzemo-nos a isso até ver onde dá o inquerito que se procede sobre as occorrencias do dia 12. Que tenham calma os nossos amigos.

Os espiões da policia

Vão depór no processo contra os presos como promotores do comicio os srs. Haroldo do Amaral, director do sujo pasquim *Gazeta do Povo*, o carollissimo sr. Oscar de Almeida e o sr. José Vicente de Azevedo, celoberrimo santarrão, caloteiro e espião. Mas espiões são todas as testemunhas apontadas, pois se não fossem espiãs, as ordens da policia, que poderia saber depór essa gente do comicio dos seus adversarios; que poderia ter presenciado se como catholicos deveriam estar, á hora da manifestação, em suas casas, rezando pelas almas perdidas que pelas ruas vociferavam contra a religião e seus ministros!

O sr. Haroldo do Amaral, o sr. Oscar de Almeida e o sr. José Vicente são, pois, nem mais nem menos, secretas do sr. W. Luiz. E nessa qualidade, e na qualidade de ferrenhos adversarios nossos, são suspeitos para depór num processo em que somos victimas. E é com gente desse jaz que a policia busca provas para condemnar os nossos companheiros presos!

No proximo numero provaremos que o sr. José Vicente é um caloteiro e tratante, sem caracter, portanto, para depór num processo em que são réos inimigos que tanto odeia.

A attitudo da imprensa

Mais uma vez, a attitudo da imprensa paulista pateanteou-se dum maneira vergonhosa: dos jornaes nacionaes sómente o *São Paulo* noticiou com verdade e commentou judiciosamente as violencias commettidas pela arbitrariedade policia paulista. A *Gazeta* tambem narrou e commentou com imparcialidade, porém com alguns deslizes, as occorrencias de domingo. Os demais jornaes, porém, mantiveram-se na qualidade de capachos do clero e da policia. E' a sua attitudo de sempre e bem justificada. Que seria dos pobresinhos se não fosse a maldadeira do governo?

Nessas condições os factos foram completamente deturpados pelos quotidianos. Todos elles, pois, narraram os acontecimentos da mesma maneira acanalhada, — a redacção enviada da Central.

Mais uma vez, o nosso desprezo aos vendilhões da imprensa.

Eis o que publicou o *São Paulo*, precedendo as notas da sua reportagem:

«Falta-nos um qualificativo bastante energico para exprimir, com a necessaria força e exactidão, a brutalidade praticada hontem pela nossa policia, nas ruas centraes. Acostumadas a saltar por cima da lei, com revoltante e affrontoso desrespeito ao nosso pacto constitucional, as autoridades policiaes levaram a sua audacia até á supressão das garantias e direitos dos cidadãos, como os de liberdade de pensamento e de reunião, que constituem as maiores e mais bellas conquistas do regimen republicano.

O art. 72 paragraho 8.º da Constituição Federal, que ainda não foi revogado, a todos garante esses direitos.

O sr. secretario da Justiça, collocando-se superior á lei basica deste paiz, entendeu ser da sua competencia consentir ou impedir,

segundo o seu criterio, que o povo se reuna, pacificamente e sem armas, para tratar dos seus direitos ou discutir acontecimentos em que é interessado.

Contra essa violencia, em que é victima indefesa, fecharam ao povo até as portas do Tribunal de Justiça. Supprimiram assim, de um golpe e por um capricho intoleravel, as mais caras liberdades publicas e semearam a anarchia e a desordem.

Em logar de se limitar a agir no terreno legal, que é garantir a ordem e assegurar o respeito a todos os cidadãos, sem distincção de qualquer natureza ou especie, a policia é a primeira a alimentar a desordem e provocar a exacerbção dos espiritos.

O caso de hontem é disso um exemplo flagrante e directo.

Para obstar á realização de um comicio, para o qual os seus promotores, por uma escusada deferencia, lhe haviam pedido consentimento, o secretario da Justiça mandou transformar as ruas centraes em uma verdadeira praça de guerra, com brutal ostentação de forças de armas embaladas e contingentes de cavallaria.

A seguir, toda a sorte de violencias, desnecessarias e injustificaveis.

E porque? Porque o secretario da Justiça, querendo fazer valer a sua vontade contra as disposições expressas e terminantes da Constituição Federal, achou que o melhor meio de impedir um comicio pacifico, era varrer o povo das ruas a golpes de espada e a patas de cavallo.

No caso especial de hontem, que sem razão procuram converter em questão religiosa, era tão facil, se houvesse da parte da policia um pouco de calma e tolerancia, evitar essa vergonha que toda a nossa população presenciou entre brados indignados de condemnação e de revolta.

Se as autoridades procedessem com um pouco de previdencia e moderação, não teriam necessidade de recorrer á brutalidade que tão funestas consequencias teve, e que toda a nossa população deplora.»

A Machinação

A policia, os frades, grande parte da imprensa e grande parte da magistratura, estão pondo em pratica uma machinação infernal para perder os nossos amigos presos.

Lembramos aos nossos inimigos que essas infamias clamorosas não de cabir esfrangalhadas como na questão Dreyfus e Ferrer, e depois esperem pela natural reacção.

Todos vós, bandidos, bem sabeis que os redactores da *Lanterna* e da *Battaglia* foram para o comicio sem armas, porque assim convinha, e tambem sabeis muito bem que o soldado só foi morto mais de uma hora depois de presos os nossos amigos.

Cuidado, pois, miseraveis!

«A Patria Portuguesa»

Esse organo republicano da colonia portugueza distribuiu um boletim protestando contra a sua inclusão na lista dos jornaes promotores do comicio do dia 12, incluindo essa feita num avulso espalhado pela cidade.

Não podemos deixar sem um pequeno reparo o procedimento do collega, que sempre, como republicano, se manteve no campo das ideias liberaes. Dessa vez, porém, não foi consentaneo com o seu programma nem com o proceder que autorizou a inclusão do seu nome no boletim em questio.

Creemos que o estimavel collega foi victima dum esquecimento ou as sociedades e jornaes convocadores victimsa duma mystificação. Explicamos: Na primeira reunião havida para deliberar sobre a convocação do comicio comparceu uma pessoa que se disse representante da «Patria» e solidario com os presentes. Nessa reunião ficou accida a convocação do comicio, tendo sido declarado que o boletim convocatorio seria lido na reunião para outro dia marcado. A esta, na verdade, não compareceu o dito representante, porém a sua declaração de solidariedade estava já feita.

E é esta a verdade do incidente que a «Patria» esqueceu, foi enganada ou entio... por certas conveniencias... tentou desmentir. Se os republicanos de Lisboa tivessem a coragem do prezado collega, decreto que o sr. d. Manoel II ainda reinaria...

O boletim do dr. Ruje

Segunda-feira, á tarde, foi profusamente distribuido um boletim do dr. Rudge Ramos, terceiro delegado auxiliar, prevenindo «ao povo ordeiro de S. Paulo» que evitasse reuniões nas ruas e praças publicas, pois a policia havia tomado «energicas medidas para manter a ordem e assegurar todos os direitos» (?!...), prometendo «agir com o maximo rigor». Tudo isso sob o pretexto de que «individuos arruaceiros pretendiam repetir as desordens e arruças» de domingo! Mas é que a sanguiscenta policia não estava ainda satisfeita com as brilhaturas da véspera: os xadrezes da Central ainda cabiam muita gente. E assim, pois, foram effe-

ctuadas dezenas de prisões de pessoas inerme cuja unica culpa era pararem por um momento nas ruas centraes da cidade, alguns por ignorar as ordens emanadas do muito digno auxiliar do sr. Trepoff-mirim.

E todos os direitos eram magnificamente assegurados.

NOTA CURIOSA — O dr. Rude mandou affixar os boletins pelos andaimes e paredes da cidade. Certamente para serem lidos. No entanto a ninguem era permitido parar para lê-los!...

Sem commentarios

«Hontem, ás 9 horas da noite, o quarto delegado de policia, dr. João Baptista Souza, acompanhado pelo thesoureiro da policia, coronel José Meirelles e por quatro agentes, foi á ladeira Porto Geral, n. 2-C e ahi abrindo a porta da séde da «Liga dos Pedreiros e Ferreiros», retirou de uma gaveta alguma correspondencia e actas daquella sociedade operaria!...

Sem commentarios.» (D'O São Paulo.)

Civilidade civilista

Foram presas, pela policia civil do civilista sr. W. Luiz, algumas senhoras da Sociedade Feminina de Educação Moderna.

Presas e incommunicaveis conservaram-nas além ás quatro horas da tarde de segunda-feira, quando requerido uma habeas corpus em seu favor, foi este prejudicado com a liberdade das corajosas correligionarias. E com as senhoras a policia manifestou-se além, de descortez e violenta, deshumana. Uma das detidas tem uma creança de peito, de oito mezes de idade. Pois bem, a policia não consentiu que a creança, levada á Central, fosse amamentada pela mãe! E algumas senhoras que lá foram, como mãis, rogar esse acto de humanidade da policia, foram despedidas indelicadamente pelo dr. Arthur Leite, o delegado que julgaram apto para perseguir as victimas presas no comicio de domingo.

... Chegou da Bahia, quarta-feira, o sr. Domingos Stamato, pai adoptivo de Idalina, que trouxe em sua companhia o menino Socrates, irmão da infeliz victima. No mesmo dia, a covrite do Pinheirinho, prestou na policia longas declarações. O seu depoimento durou oito horas.

Aviso

Devido á pressa com que foi organizado este numero, atirado á rua com um dia de antecedencia, deixamos de publicar diversos commentarios e notas, que sahirão no proximo numero.

Aos assignantes da Sorocabana

Prevenimos os assignantes dessa linha que estamos procedendo á cobrança da *Lanterna*.

Pedimos a todos de não deixarem-se visitar inutilmente pelo cobrador Pylades Grassani. O nosso jornal só vive de fundos onestos, não está agarrado a nenhuma mangedoura. Os que desejam realmente, que o jornal vá avante devem demonstrar o pagando a respectiva assignatura.

«A Lanterna»

Em vista da prisão do director desta folha, Edgard Leuenroth, assumiu a sua direcção o sr. Eugenio Leuenroth, que espera merecer dos leitores o apoio de que precisa na actual emergencia.

Onde está Idalina?

Informação prestada ao Tribunal de Justiça pelo integro magistrado sr. dr. Vicente de Carvalho, juiz de direito da 3.ª Vara Criminal.

«Ex.mo Sr. Dr. Presidente do Tribunal de Justiça.

Em resposta ao officio de V. Ex., numero 107, de 16 do corrente, cumpre-me informar:

Correu por este juizo, mediante denuncia dada pela Promotoria Publica, com base em inquerito policial, um summario crime tendo como objecto o desaparcamento da menor Idalina, ex-internada no Orfanato Christovam Colombo.

Por despacho de 20 de Julho de 1909, dado pelo meu digno substituto legal, achando-me em gozo de licença, foi impronunciado um dos réus, Arthur Nobre de Godoy, contra o qual se não apuraram indícios de co-participação no facto delictuoso; deixou tambem de ser pronunciado o padre João Capelli, com o fundamento de que, sabendo-se elle incurso no Art. 293, § 1.º do Codigo Penal, devia elle responder a processo de alçada; e foi pronunciada no Art. 289 § unico,

do Código, a ré Maria Luisa ou Itala Fonte.

O processo correu á revelia da ré Maria Luisa ou Itala Fonte, que nunca foi encontrada para ser intimada, havendo apenas, quer no volumoso inquerito, quer no sumário, referencias vagas e contradictórias com relação a essa personalidade, cuja existencia é apenas conhecida pelo facto delictuoso, isto é, pelo desaparecimento da menor Idalina.

Consta do processo que a menor Idalina foi internada no Orfanato Christovam Colombo em 1.º de Outubro de 1905. Tinha então cinco annos de idade.

Era filha natural de Francisca de Oliveira que annos antes se suicidára em Bebedouro, deixando a pequenina. Morta sua mãe Idalina fôra adoptada por Domingos Stamato, em cuja casa passou a viver, e que annos depois, em escriptura publica de 20 de Outubro de 1906, veio a receber-a por filha.

Depuseram no inquerito seu padrinho, e outras pessoas que conheceram sua mãe e a familia desta.

Na qualidade de orphan foi Idalina internada no Orfanato Christovam Colombo em 1.º de Outubro de 1905, como ficou dito, tendo sido internado no mesmo Orfanato e na mesma occasião seu irmão Socrates Henrique, de 7 annos de idade.

A entrada das duas crianças para aquelle estabelecimento deu-se por iniciativa de Domingos Stamato, mediante intervenção do conego Nunzio Grecco, vigario de Jaboticabal.

Levou-as para o Orfanato, em 1.º de outubro de 1905, Raphael Stamato, irmão de Domingos, acompanhado por Appolinario de Oliveira, tio dos dois meninos.

Enquanto esteve no Orfanato era Idalina procurada com frequencia por pessoas da familia Stamato que a iam visitar.

No primeiro domingo de julho de 1907 foi Domingos Stamato ao Orfanato Christovam Colombo, em visita a Idalina, como costumava fazer.

A menina já lá não estava. E, do pessoal do Orfanato soube Domingos, que, dias antes, Idalina fôra retirada do estabelecimento por uma mulher que lá apparecera dizendo-se mãe della.

Consta do processo que Domingos Stamato empenhou o seu esforço e o de amigos para descobrir o paradeiro de Idalina, cujo desaparecimento attribuiu em começo a Arthur Nobre de Godoy, de quem se dizia que era o verdadeiro pae natural daquella menina.

Dissuadido afinal dessa impressão, e desanimado das pesquisas sem resultado a que se deu, dirigiu-se Domingos Stamato, em petição de 1.º de Fevereiro de 1908, ao Juizo da 2.ª Vara de Orphãos desta Capital, narrando o facto e reclamando providencias.

Nessa petição, que deu origem ao inquerito policial, dizia Domingos Stamato que Idalina, que elle reclamava do Orfanato Christovam Colombo, dali fôra retirada por uma mulher desconhecida que lá apparecera dizendo-se sua mãe, e cujo nome a Directoria do Orfanato ignorava.

Com a reclamação apresentada por Domingos Stamato ao Juizo de Orphãos teve inicio o inquerito policial; não constando que o Orfanato Christovam Colombo tivesse comunicado a alguma auctoridade judiciaria ou policial o desaparecimento de Idalina em seguida á entrega da mesma menor, ali asyada, a uma mulher desconhecida, e que logo soube o Orfanato não ser sua mãe, nem ter titulo para receber-a.

Iniciado o inquerito, foram chamados a prestar declarações: o padre Faustino Consoni, director do Orfanato Christovam Colombo; o padre João Capelli, que exercia interinamente as funções de director ao tempo em que Idalina foi retirada do Orfanato, e que foi quem nessa qualidade, ordenou a entrega da menor á mulher que se dizia mãe della; José Santanello, secretario do Orfanato; João Paranhos, alumno do Orfanato, e que exercia ao tempo da saída de Idalina as funções de auxiliar do porteiro; soror Christina, irmã de caridade, que dirigia a secção feminina do Orfanato; e, finalmente, Santo ou Santino Stamato, nome familiar pelo qual era conhecido no Orfanato o menino Socrates Henrique, de nove annos de idade, irmão de Idalina.

As pessoas cujos nomes e qualidades ficaram acima citadas eram — dentre todas as que depuseram no inquerito quer nesta capital quer em outras localidades do Estado — as unicas que conheciam de sciencia propria as circumstancias em que Idalina saiu do Orfanato. A

excepção do padre Faustino Consoni, que estava ausente na occasião, mas indagou do caso e ficou-o conhecendo em todas as suas minudencias, logo que soube pela reclamação de Domingos Stamato, que Idalina fôra retirada do Orfanato; á excepção do padre Consoni, todas as pessoas citadas tinham assistido ás scenas da saída de Idalina, e tinham visto a mulher que a retirou dizendo-se sua mãe.

Na versão de taes pessoas, — e postas de lado as declarações de Socrates, que não confirma a parte essencial dessa versão, como exporei — a vinte e sete de Junho de mil novecentos e sete apresentou-se no Orfanato Christovam Colombo uma mulher de nome Itala Fonte, dizem uns, Maria Luisa, dizem outros, desconhecida de todos elles, e que, declarando-se mãe de Idalina, reclamou a sua filha.

Reluctou em fazer entrega da menor a essa mulher desconhecida a irmã Christina, directora da secção feminina do Orfanato, em Villa Prudente.

Dirigiu-se então dita mulher, no dia seguinte, á secção feminina do Orfanato, no Ypiranga, e ahi obteve do padre João Capelli, director interino, ordem escripta de entrega da criança, ordem com a qual voltou á Villa Prudente, e retirou Idalina.

Consta ainda do processo e segundo o que depuseram as ditas pessoas, que o padre João Capelli, não conhecendo bem as cousas do Orfanato — cuja direcção estava interinamente exercendo na ausencia do director e factivo — hesitou em ordenar a entrega da menor Idalina á mulher desconhecida que a reclamava, mas fel-o afinal, por influencia do secretario José Santanello, depois de ter sido a referida mulher reconhecida pelo menino Socrates, que lhe deu o tratamento de mãe.

A entrega da menor Idalina a uma mulher desconhecida que, conformente adiante se verá deu o nome di Itala Fonte segundo uns, e o de Maria Luisa, segundo outros, foi feita, pois, mediante essa unica formalidade: — o testemunho do menino Socrates, que reconheceu aquella mulher dando-lhe o nome de mãe.

Não consta de todo o processado que da saída de Idalina ficasse no Orfanato algum documento, ou mero assentamento, em que se pudessem orientar pesquisas a respeito do facto e da identidade da pessoa a quem foi entregue a menor.

Entretanto, cumpre-me em consciencia dizer o, — o menino Socrates, interrogado pela autoridade policial, não confirmou a versão de que a entrega de Idalina a uma mulher desconhecida se baseava no facto de haver elle reconhecido como sua mãe essa mulher.

Por duas vezes prestou esse menino declarações no inquerito. Da primeira vez, em vinte de Fevereiro de mil novecentos e oito disse: "que era filho de Domingos Stamato e Itala Fonte, tendo-se esta suicidado em tempo e lugar que elle ignorava; — que, morta sua mãe, passou seu pai a viver com Maria Luisa, a quem elle e sua irmã Idalina se acostumaram a dar o nome de mãe; que, deixando seu pai a companhia de Maria Luisa, elle e Idalina foram para a casa da madrinha do declarante, onde ficaram até serem internados no Orfanato; — que a mulher que ha tempos foi buscar Idalina e despediu-se do declarante dando-lhe doces é a mesma que se chama Maria Luisa e morou com seu pai".

Da segunda vez, em vinte de Março seguinte, declarou o mesmo Socrates Henrique: — "que só viu a mulher, a que se referir nas suas primeiras declarações, no dia em que essa mulher foi justamente com Idalina ao Collegio em que o depoente se achava; — que, nessa occasião, a referida mulher disse chamar-se Maria Luisa; que a referida mulher disse que conheceu o declarante, visto já ter morado em companhia de seu pai Domingos Stamato, onde cozinava e fazia todos os serviços; — que o declarante, antes de ter ella ido ao Orfanato na occasião referida, nunca viu essa mulher".

Na versão, portanto, do pessoal do Orfanato Christovam Colombo, isto é, das unicas pessoas que consta conhecer as circumstancias em que Idalina saiu daquelle estabelecimento, Idalina foi de lá retirada por uma mulher que se apresentou dizendo-se sua mãe.

O nome dessa mulher é, porém, objecto de duvida.

O padre Faustino Consoni e o padre João Capelli declaram que essa mulher se apresentou ao Orfanato com o nome de ITALA FONTE.

Esse nome é o mesmo que apparece como sendo o da fallecida mãe de Socrates, nas primeiras declarações deste; declarações que elle depois rectificou por completo, dizendo neste particular que sua mãe se chamava Chiquinha, e sendo realmente, segundo consta dos autos, Socrates e Idalina, filhos de Francisca de Oliveira, conhecida por Chiquinha.

Em opposição ás declarações dos referidos padres Consoni e Capelli declara José Santanello, secretario do Orfanato, e Socrates, que a mulher que retirou Idalina diz se chamar MARIA LUISA.

João Rastelli e João Paranhos não se referem a esse ponto, e a irmã Christina declara que a mulher, a quem ella entregou Idalina, não lhe disse como se chamava.

Com fundamento nessas declarações, o illustre magistrado que proferiu o despacho de vinte de Junho de mil novecentos e nove pronunciou dubitativamente, e nem podia deixar de ser assim, Maria Luisa ou Itala Fonte, incurso no artigo duzentos e oitenta e nove paragrafo unico do Código Penal, que define o crime de tirar, do Collegio ou asylo onde estiver internada, criança maior de sete annos e menor de quatorze annos.

Em virtude do despacho de pronuncia foi expedido mandado de prisão contra Maria Luisa, ou Itala Fonte.

Esse mandado até hoje não foi cumprido; e difficilmente poderá ser.

De facto: trata-se de uma mulher que uns dizem chamar-se Maria Luisa, outros, Itala Fonte.

Da existencia da dessa mulher só dão noticia as pessoas acima citadas, do Orfanato Christovam Colombo.

E quasi não constam, das declarações de taes pessoas, outras indicações que não sejam a de seu nome, ou antes a dous nomes que contradictoriamente lhes attribuem.

Das declarações do padre Consoni consta apenas que essa mulher, Itala Fonte, pela fala parecia italiana. MAIS NADA.

O padre João Capelli declara apenas — que era uma mulher desconhecida, a qual disse chamar-se Itala Fonte. MAIS NADA.

José Santanello diz apenas que era uma mulher desconhecida, chamada Maria Luisa. MAIS NADA.

João Paranhos apenas se refere a uma mulher que lá appareceu. MAIS NADA.

João Rastelli fala apenas de uma mulher italiana, regulando trinta annos de idade, corpo regular, cabelos pretos, vestindo com modestia. MAIS NADA.

Soror Christina descreve essa mulher, que não lhe disse como se chamava, nem para onde ia levar Idalina, como sendo italiana apresentando ter trinta annos, tinha cabelos pretos, vestia com modestia. MAIS NADA.

O menino Socrates, emfim, conta que a mulher que levou Idalina, e disse chamar-se Maria Luisa, estava com um vestido um pouco novo, porém com a barra suja de terra; falava portuguez, parecendo ser brasileira; e era quasi mulata.

E' tudo quanto, segundo consta do processo, se sabe a respeito da pessoa que retirou Idalina do Orfanato Christovam Colombo, e a fez desaparecer até hoje.

Ou antes, sabem se ainda duas circumstancias que longe de esclarecer o assumpto, em mais confusão o envolvem.

Duas testemunhas do inquerito, João Rastelli e José Santanello, porteiro do Orfanato aquelle, e secretario este, informam que a mulher mysteriosa, depois de haver retirado Idalina da secção do Orfanato em Villa Prudente, foi com ella á secção do mesmo Orfanato no Ypiranga, e ahi, e então, lhes declarou que — no dia seguinte se retirava para o Interior, sem dizer, porém, para que localidade.

Fica-se assim sabendo, o que é peor do que não saber nada, que a desconhecida, de posse de Idalina, se retirou logo para um vasto e vago Interior onde seria impossivel procurar-lhe os traços.

Por sua vez, Soror Dionisia, religiosa do Hospital Humberto Primo, desta Capital, que não fôra ouvida no inquerito e apenas depoz no sumário, adianta uma circumstancia nova.

Declarou essa religiosa: — "só saber do facto narrado na denuncia, que, ao tempo desta referida, appareceu no Orfanato Christovam Colombo uma mulher que se intitulava mãe de Idalina, e que, mediante autorização, dali retirou a referida menor. Essa mulher era parecida com Idalina, foi por esta recebida com muita alegria, dizendo Idalina, nessa occasião, que a mulher era

sua mãe. A menor Idalina tinha nessa occasião oito annos."

O depoimento dessa religiosa é feito em termos peremptorios, e traz um novo elemento de confusão: nelle afirma Soror Dionisia que a mulher em questão era muito parecida com Idalina; circumstancia nova, da qual se poderia concluir que a desconhecida era realmente mãe de Idalina — constando, entretanto, provadamente, do processo, que Idalina era filha de Francisca de Oliveira, fallecida annos antes em Bebedouro.

De todo o processado, é tudo quanto se sabe relativamente a pessoa que fez desaparecer a menor Idalina.

Dessa mulher que numa passagem relampejante, appareceu no Orfanato Christovam Colombo para de lá retirar Idalina, desaparecendo com ella logo em seguida, e ao que parece, para sempre, dessa mulher a respeito de cujo nome os informantes, unicas pessoas, que a viram e com ella trataram, divergem, como divergem a respeito da sua nacionalidade; dessa mulher que de modo tão vago toma tão activa parte em caso tão grave, não consta, nem pelas mais remotas referencias, si era casada, ou solteira, ou viuva, qual o lugar onde residia, e onde residia antes, que característicos fisicos tinha, alem dos já expostos: que apparecia ter trinta annos, tinha corpo regular, cabelos pretos e vestia com modestia.

De sorte que, para fixar a identidade dessa personagem que foi uma rapida apparição e desapareceu sem deixar vestigios, acha-se a Justiça em face da seguinte difficuldade: quando não são insignificativas, referindo-se a uma mulher de corpo regular de cabelos preto, apresentando idade de trinta annos e vestindo com modestia, as indicações relativas a pessoa mysteriosa que fez desaparecer do Orfanato Christovam Colombo a menor Idalina, informações prestadas pelas unicas pessoas que viram aquella, que com ella trataram, que da sua existencia dão noticia, são contradictorias; e mais servem para gerar confusão, do que para projectar qualquer claridade sobre o assumpto.

Tendo de prestar, por motivo de Egregio Tribunal, a favor de Custodio Silvestre e Maria Luisa Belloni, informações, nos termos do officio de vossa Excellencia a que tenho a honra de responder, a respeito da prisão dos paciente, da identidade delles, e de uma menor apreendida como sendo a menor Idalina, tive necessidade de expôr com minucias, que me torçaram a ser longo, quanto de proveitoso ao esclarecimento do assumpto consta dos autos do processo neste Juizo.

Cumpre-me acrescentar: Nesses autos não ha referencia alguma a individuos de nomes Custodio Silvestre, e Maria Luisa Belloni.

Não me consta ter sido a referida Maria Luisa Belloni presa em cumprimento do mandado expedido contra a Maria Luisa ou Itala Fonte, que figurou no processo; caso em que ella teria sido posta á disposição deste Juizo, para nelle ser qualificada e apurada a sua identidade. Quanto á menor apreendida, só sei, alem do que narramos os jornaes, o que consta de uma justificação processada em data de antehontem, dezoito do corrente, perante este Juizo, e requerida para o fim declarado de documentar o pedido de habeas-corpus impetrado ao Egregio Tribunal em favor de Custodio Silvestre e Maria Luisa Belloni.

Como o Egregio Tribunal conhecerá provavelmente, antes do julgamento do habeas-corpus, essa justificação na integra, peço venia para a respeito della limitar-me a adiantar que, segundo de tal justificação consta, parece tratar-se de uma menina Maria Magdalena, filha de Custodio Silvestre e sua mulher Maria Luisa Belloni, e que se pretende fazer passar pela menor desaparecida, Idalina de Oliveira. Com as expressões da mais elevada estima e consideração pessoal, que apresento a vossa Excellencia. O Juizo de Direito — VICENTE DE CARVALHO.

Pescat mundus, fiat justitia

Custa a crer que aja tanta infamia sobre a terra, e, principalmente num paiz que se orgulha de ser civilizada. Custa mais ainda conceber que taes crimes sejam praticados por padres, omens que devem estar afeitos á leitura do Novo Testamento, onde Jesus Christo, lendario ou não, tanto prega contra as impurezas da carne e o rebaiçamento do espirito.

Um omem que deseja de fato o engrandecimento do Brazil, não pode deichar de entristecer-se diante das gravicimas acusações que a imprensa anticlerical levanta contra os padres do orfanato Christovam Colombo, acusações acompanhadas da citação de nomes, e dos quaes, as autoridades constituídas não tomam, como fora de sua estricte obrigação, a minima conta, a tempo e á ora.

E' nossa intenção martelar um pouco tambem na bigorna do caso — Idalina.

Os anticlericaes denunciaram um delicto monstruoso como o estupro e assassinato de uma indefesa orfaninha de nove annos apenas, praticados por dois padres cujos nomes foram declinados; denunciaram o modo porque esses revoltantes crimes foram cometidos, apontando tambem o teatro delles.

As autoridades paulistanas, ao ouvirem a grita de indignação de seus jurisdicionados, entreabriram apenas os olhos e deicharam se cair de novo, a ressonar, no leito em que dormem, surdas ao clamor prol da justiça, pela moral.

Mas, durante tres annos, dois jornaes pelo menos não cessaram de, a altos brados, pedir a apuração de responsabilidades, perguntando sempre: padres do Orfanato, onde está Idalina? Aos da policia, onde está Idalina?

Os padres e as autoridades encobriam os ombros deante dessas perguntas e respondiam a "Lanterna" e a "La Battaglia" com um silencio de falso desprezo.

Clamavam vamente esses dois jornaes, como vamente clamára no deserto a voz de João. Era como si os dois contassem historias das Mil e uma noites, ou repetissem contos da Carochinha, doidamente inverocimeis.

Os doutores delegados de carreira não se apercebiam do que nelles se escrevia, ou melhor ainda: não deiciam de sua alta dignidade de servidores do povo, pelo povo pagos e dignificados, para ouvir as reclamações que, em nome da moral e da justiça, fazia esse mesmo povo, por dois de seus orgãos. E o tempo passou até que os padres do Orfanato, graças, não á dezídia, mas á cumplicidade dos policiaes bacharelados, pomposamente rotulados de guardaes e zeladores da segurança coletiva, julgaram ter feito desaparecer todos os vestigios de seus delictos.

Julgaram tel-os bem apagado do teatro em que se dezenrolaram esses dramas sangrntos, macabras cenas que ainda á mais requintada perversidade humana enchêra de pavor e de repugnancia e tentaram a representação ridicula da farça que os ia absolver, que ia santificá-los diante dos "simples".

O plano de defeza de que se serviram não o arquetipou somente decerto a imaginação dos padres do orfanato; mas tambem, ajudou a forjal-o o talento de uns advogados que põem acima da moral, da justiça e do seu Brazil em face do qual trazem á cinta uma espada de coronel, o mesquinho interesse financeiro.

Não dizemos que elles põem acima da moral, da justiça e da patria o fanatismo da causa, porque queremos ser mais ou menos justicieiros.

O catolicismo prega a castidade, o macimo respeito á virjindade, o amor e a protecção ás creanças, e todos os fanaticos por um corpo de doutrina, devem pelo menos, praticar tudo quanto essa doutrina manda praticar. E é por pensar assim que estamos longe de acreditar na religião dos padres e daqueles que se prestam a defendê-los em conjunto.

No pé em que hoje está o caso do orfanato, vê-se que não pode mover aos defensores dele o desenvolvimento e amor pela pratica de virtudes cristãs, opondo-se, por um belicimo impulso de solidariedade aos bons, a que difamem uma instituição cristã, limpa de toda a mácula.

Si não estivessem esses senhores defensores do orfanato tão capacitados como nós estamos de que ha delicto grave respeitante ao desaparecimento de — Idalina — já teriam achado nos largos dominios o que se presta a defeza duma cauza justa meios de demonstrar ezuberantemente a innocencia do orfanato; e mais, já deviam ter chamado á barra dos tribunaes os seus detractores, pois que, tanto maior é a calunia quanto melhor é a pessoa vizada por ella.

Mas, longe de buscarem provar sua innocencia, os padres do orfanato e seus advogados levaram tres annos a ensaiar uma burla repugnante e talvez um ano indus-triando uma pobre menina nas

enredadas teias duma mentira atadora.

Dava-lhes tempo o apadrinhamento das autoridades que querem... ou não podem punir litos taes.

Quem sabe (é licito supor, taes desde que nada se affirme) taes bem si os padres do orfanato instituiram aquelle ensino para exclusivo? Ou ainda: quem se si eles têm noticia de outros similares, onde a onra das meninos pobres se venda aos aristocratas do nosso paiz, nas barbas da policia?

Dizem, e até escrevem, que Europa e na America do Norte ha cazas especiaes para onde se transportadas as mizerimas filhas do povo inominado e mendigo, mesmo antes de serem púberes e cientes, para evirem de pasto a ricos e influentes sequaes. E diz mais que a policia sabe disso, porque seus altos funcionarios se convivia dessa cazas.

Mas, não devanecemos e ne supponhamos coiza alguma.

Houve uma denuncia grave da contra uma instituição determinada, contra individuos designados pelos respectivos nomes e istoriaram-se os padecimentos da victima principal, falando-se ao mesmo tempo de outras victimas. Com dissemos, a policia mal entreabriu os olhos num gesto dezelegante quem quase desperta para só voltar-se na cama, bocejando, e continuar a dormir.

E enquanto ella dormia de novo foi que ocorreu aos padres inventar outra Idalina para mystificar a opiniao publica e dar um golpe de mestre aos anticlericaes.

Mas por que inventar uma Idalina si Idalina existe? Por que os padres do Orfanato, mais interessados do que a policia no reaparecimento de Idalina, não procuram a legitima menina em questão? Para elles é facilissimo: os clericos fornão com os padres um todo coizo e quase automatico. Era só os senhores bispos ordenarem a todos os seus vigarios que procurassem Idalina; estes por sua vez ordenavam aos feís e teriamos pelo menos um terço do Brazil procurando uma ovelha tresmalhada. Demais, aquele que se encontre receberia o intrepido anti-clerical, senão Oreste Ristori, o premio de um conto de reis. Com certeza que a importancia de um conto de réis é quantia até irrezoria para a grandeza do achado.

Mas, e a gloria de achala? A gorda maquia que certamente adviria ao notavel descobridor.

Será de medo de que o descobridor seja um covreiro? terão o do orfanato medo de esqueletinhos?

O trabalho de transformar Maria Magdalena (felizmente não foi Maria Santissima) em Idalina, é mais facil, e com certeza menos perigoso, do que descobrir esta. E isso tinha a vantagem de lembrar o milagre de Christo que transformou a agua em vinho.

Com franqueza: eu, si fosse Jesus voltava a terra para repetir um dos milagres que praticou em vida — ou efetuar de fato a mudança de Maria em Idalina semelhante ao da transmutação da agua, ou ressuccitar a, como fez ao seu amigo Lazaro...

Ah! mas basta de conter por mais tempo a pena dentro duma calma ipocrita, duma morderdade finjida e prejudicial! A grandeza dos crimes que se imputam aos padres do Orfanato Christovam Colombo, é, por sua ediondeza despertadora de todos os brios do omem que quer ver seu paiz respeitado; de todos os brios do omem que, tendo uma filha, encerra nela todos os seus sonhos, as esperanças todas de sua vida!

Como se diz, sem provocar uma revolta violenta, que uma creancinha indefeza, de nove annos, foi trucidada por dois padres, depois de terem estes saciado nas suas virgínicas carnes os mais grosseiros dos instintos humanos? Como é que num meio social culto como o de São Paulo diz-se assevera-se que os padres do orfanato Christovam Colombo têm estado dezenas de virgens orphãs que para elles occorrem em nome de Jesus Christo que foi casto, buscando o conforto duma caridade doce e compactiva e fujindo ao lodal do mundo; como é que quase se demonstra isso e esses crimes continuam impunes? e não se instaura contra esses padres um processo publico que os obrigue a declarar ao povo onde esta Idalina e quaes sao os seus atos dentro do orfanato que dirijem as occultas?

Ahi está o Quadro Negro d'A Lanterna com a dizignação dos nomes de quase todas as suas victimas.

mas e respetivas moradas, e, al-
 zona nomes, por considerações
 sociais se ocultam, ha entre tanto
 a promessa de dizel-os, seu prezio
 Vimos, e preciso ajuar ajuar eno-
 jamicamente para dezafronta, de nos-
 nos creditos de povo moralizado e
 bom.
 Si souberem, lá fóra que aqui
 desta Canaan se estupram e se ma-
 tam, orphanzinhas sob o protetora-
 da lei, desbrariado será o estran-
 eiro que a ela aportar.

Não havia provas para arrastar
 os padres do orfanato á barra dos
 tribunaes?

Mas agora faltam ainda provas
 que dêem direito a isso?

Não, não faltam mais.

O orfanato procurou crear uma
 outra Idalina para substituir a Ida-
 lina desaparecida e todo ele, des-
 lavadamente, reconheceu na menina
 fantástica a tão procurada Idalina.

Porque a reconheceu, senhores
 da justiça?

E' urgente, é indeclinavel, para
 levantamento dos creditos deste
 vasto paiz, que a boca da justiça
 se abra, em nome do Brazil, pre-
 ferindo o seu veredictum.

Matar um homem capaz de de-
 fender-se é crime revoltante; mas,
 matar uma creança inermem de nove
 annos depois de tel-a violentado in-
 famamente, não é mais crime: é
 monstrosidade, e tanto maior, por
 quanto encantadoras foram as pa-
 lavras que a chamavam para a mor-
 te e para a dezonra.

Em nome de Cristo foi que a
 prostituíram; em nome de Cristo
 foi que a mataram...

E praza ao destino em nome da
 onra brasileira, tal se não tenha
 dado.

A primeira injustiça

Hoje queremos occupar-nos do
 castigo, desgraçadamente tanto do
 agrado de quasi todos os profes-
 sores ou chefes de familia, ás
 vezes até de ideias modernas e
 avançadas!

Vimos as razões poderosas que
 militam contra a punição, e nsidera-
 da geralmente como factor de
 moralidade, e que deveria ser
 tida por uma das principaes cau-
 sas de immoralidade, de violen-
 cia e de irreflexão. Aos pais,
 aos educadores intelligentes e pro-
 gressivos pertence a iniciativa do
 ataque, pela palavra e pelo exem-
 plo, contra esse verdadeiro crime.

Para mais palpavelmente mos-
 trar o absurdo da punição, em
 vez de a tratar de modo geral,
 hoje falaremos dum caso especial,
 mas frequentissimo.

Numa casa, apparece, por exem-
 plo, um objecto quebrado, um li-
 quido entornado, qualquer desas-
 tre mais ou menos insignificante.
 Logo os grandes racionam deste
 modo: Não fomos nós os auto-
 res deste mal; foi a criança por-
 tanto!

Na sua triste inconsciencia igno-
 ram lamentavelmente a difficul-
 dade extrema que ha em obter
 os elementos da certeza. A causa
 do desastre podia ser desconhecida,
 pouco vulgar, ou um pé de
 vento, a acção dum animal estran-
 ho, a propria imprevidencia dos
 pais, que pôdem inconscientemente
 ter preparado o facto.

Não importa! Com a maior
 das levandades, a accusação é
 lançada contra a criança; e se
 esta nega, a negação, em vez de
 fazer hesitar os accusadores, ain-
 da os irrita mais!

Ninguém calcula o mal produ-
 zido por tal injustiça. Muitas ve-
 zes o pai reconhece que se en-
 ganou; mas nem por isso perde
 o somno. «Bom, não faz mal: o
 castigo fica pelas que elle tem
 feito e fará ainda», exclama o
 genitor muito tranquillamente!
 Não suspeita sequer a lição de
 brutalidade, de irreflexão que aca-
 ba de dar ao filho, levado pelo
 exemplo a empregar facilmente a
 violencia por um nada, arbitra-
 riamente, ao primeiro impulso!

A pessima influencia da pri-
 meira injustiça (e quantas não a
 seguem!), melhor do que nós a
 vai descrever alguém que a sentiu,
 que a viveu. Tem a palavra
 Jean Jacques Rousseau, em suas
 «Confissões»:

«Estudava um dia sosinho a
 a minha lição no quarto contiguo
 á cozinha. A criada tinha posto
 a secar na placa os pentes da
 senhora Lambercier. Quando ella
 veio busca-los, achou um com
 uma fileira de dentes toda par-
 tida. A quem attribuir aquelle
 estrago? a não ser eu, mais nin-
 guém entrara no quarto. Interro-
 guei Lambercier reunem-se, exhor-
 tam-me: nego haver tocado no
 dente. O senhor e a senhorita

me, apertam-me, ameaçam-me;
 eu persisto pertinazmente; mas
 a commissão era forte demais;
 fui superior a todos os meus pro-
 tectores, embora fosse a primeira
 vez que me tinham achado com
 tanta audacia para mentir. A
 coisa foi tomada a serio; mere-
 ceia-o. A maldade, a mentira, a
 obstinação pareceram igualmente
 dignas de castigo; mas desta vez
 não foi pela senhora Lambercier
 que elle me foi infligido. Escre-
 veram a meu tio Bernard, que
 veio. Meu pobre primo era accusa-
 do de outro delicto não menos
 grave; fomos envolvidos na mes-
 ma execução. Esta foi terrivel.
 Quando, buscando o remedio no
 mal mesmo, se tivesse querido
 amortecer para sempre os meus
 sentidos depravados, não poderia
 ter feito melhor. Por isso
 deixaram-me em repouso por mu-
 lto tempo.

Não puderam arrancar-me a
 confissão exigida. Retomado va-
 rias vezes e posto no mais horri-
 vel estado, fui inabalavel. Teria
 antes soffrido a morte, e estava
 resolvido a isso. Foi necessario
 que a propria força cedesse á
 diabolica teimosia duma criança;
 porque não davam outro nome
 a minha constancia. Enfim, sahi
 desta cruel prova em pedaços,
 mas triumphante.

Já decorreram perto de cin-
 coenta annos sobre esta aventura,
 e não tenho medo de ser punido
 outra vez pelo mesmo facto. Pois
 bem declaro em face do céo que
 estava innocente, que não que-
 brára o pente nem lhe bulira,
 que não me aproximara delle, que
 nem sequer nisso pensára. Per-
 guntem-me como foi feito o es-
 trago, ignoro-o e não o posso
 comprehender; o que sei com
 muita certeza é que eu estava
 innocente.

Imagine-se um caracter tímido
 e docil na vida ordinaria, mas
 ardente, activo, indomavel nas
 paixões; uma criança sempre go-
 vernada pela voz da razão, sem-
 pre tratada com doçura, equidade,
 complacencia, que não tinha mes-
 mo a ideia da injustiça, e que
 pela primeira vez soffre uma tão
 terrivel da parte precisamente das
 pessoas que ella estima e respei-
 ta mais; que transtorno de ideias!
 que desordens de sentimentos!
 que revolução em seu coração,
 em seu cerebro, em todo o seu
 pequeno ser intelligente e moral!
 Digo que se imagine tudo isso,
 se for possível, porque quanto a
 mim não me sinto capaz de des-
 sencivilhar, de seguir o menor
 vestigio do que se passava então
 em mim,

Eu não tinha ainda bastante
 razão para sentir como as appa-
 rencias me condemnavam e para
 me pôr no logar dos outros.
 Mantinha-me no meu, e tudo o
 que eu sentia era o rigor dum
 castigo terrivel para um crime
 que eu não commettera. A dor
 do corpo, embora viva, era-me
 pouco sensivel; só sentia a in-
 dignação, a raiva, o desespero.
 Meu primo, num caso pouco mais
 ou menos semelhante, e que ha-
 via sido punido por uma falta
 involuntaria como por um acto
 premeditado, enfurecia-se a meu
 exemplo, e punha-se, por assim
 dizer, em unisono commigo. Am-
 bos no mesmo leito, abraçavamos-
 nos com transportes convulsivos,
 suffocavamos; e quando os nos-
 sos tenros corações um pouco
 alliviados podiam exhalar a sua
 colera, sentavamos-nos na cama e
 punhamo-nos a gritar cem vezes
 com toda a força: *Carnifex!*
Carnifex! *Carnifex!* (Carrasco!)
 Enquanto escrevo, sinto ainda
 elevar-se o pulso; ainda que eu
 vivesses cem mil annos, teria sem-
 pre presentes aquelles momentos.
 Esse primeiro sentimento da vio-
 lencia e da injustiça ficou tão
 profundamente gravado em minha
 alma que todas as ideias que a
 elle se refere me dão a minha
 primeira impressão; e esse senti-
 mento, relativo a mim em sua
 origem, tomou tal consistencia
 em si mesmo, e de tal modo se
 destacou de todo interesse pes-
 soal, que o meu coração se in-
 flamma á narração de qualquer
 acção injusta, qualquer que seja
 o seu objecto e em qualquer
 parte que ella se pratique, como
 se o seu effeito recaísse sobre
 mim.

Quando leio as crueldades dum
 tyranno feroz, as subteis negruras
 dum padre infame, de boa von-
 tade iria apunhalhar esses misera-
 vais, embora nisso tivesse de
 perder mil vidas. Muitas vezes
 me fatigui por perseguir corren-
 do ou a pedrada um gallo, uma
 vacca, um cão, um animal que
 eu via atormentar outro só por-

que se sentia mais forte. Este
 movimento pôde-me ser natural,
 e creio que é; mas a recordação
 profunda da primeira injustiça
 que soffri ligou-se a elle muito
 tempo e muito fortemente para
 não o ter reforçado muito.
 Ali terminou a serenidade da
 minha vida infantil. Desde esse
 momento cessei de gozar duma
 felicidade pura, e sinto hoje mes-
 mo que a recordação dos encan-
 tos da minha infancia detem-
 se ali.

Ficamos ainda em Bossey al-
 guns mezes. Nós estivemos lá
 como se diz que o primeiro ho-
 mem esteve no paraizo, tendo
 cessado de gozar delle; era na
 apparencia a mesma situação e
 de facto uma maneira de ser
 muito diversa. O affecto, o res-
 peito, a intimidade, a confiança
 deixaram de ligar os alumnos a
 seus guias; já não os considera-
 vamos deuses que liam em nossos
 corações; tinhamos menos vergo-
 nha de fazer mal e mais medo
 de ser accusados: começavamos
 a amotinar-nos, a esconder-nos,
 a mentir. Todos os vicios de nos-
 sra idade corrompiam a nossa in-
 nocencia e afeavam os nossos brin-
 quedos. O proprio campo perdeu
 a nossos olhos esse encanto de
 doçura e simplicidade que vai ao
 coração: parecia nos deserto e
 sombrio; dir-se-ia coberto dum
 véo que nos occultava as suas
 bellezas. Deixamos de cultivar os
 nossos pequenos jardins, as nos-
 sas ervas, as nossas flores. Já não
 iam raspar levemente a terra e
 gritar de alegria ao descobrir o
 germen do grão que tinhamos
 semeado. Desgostamo-nos daquel-
 la vida; desgostamo-nos de nós;
 meu tio retirou-nos, e nós sepa-
 ramo-nos dos Lamb-cier, fartos
 uns dos outros, e com pouca
 pena de nos separarmos.

Que os educadores, pais ou
 mestres, se abstenham do castigo,
 pai da hypocrisia, da mentira e
 da violencia.

que se sentia mais forte. Este
 movimento pôde-me ser natural,
 e creio que é; mas a recordação
 profunda da primeira injustiça
 que soffri ligou-se a elle muito
 tempo e muito fortemente para
 não o ter reforçado muito.

Ali terminou a serenidade da
 minha vida infantil. Desde esse
 momento cessei de gozar duma
 felicidade pura, e sinto hoje mes-
 mo que a recordação dos encan-
 tos da minha infancia detem-
 se ali.

Ficamos ainda em Bossey al-
 guns mezes. Nós estivemos lá
 como se diz que o primeiro ho-
 mem esteve no paraizo, tendo
 cessado de gozar delle; era na
 apparencia a mesma situação e
 de facto uma maneira de ser
 muito diversa. O affecto, o res-
 peito, a intimidade, a confiança
 deixaram de ligar os alumnos a
 seus guias; já não os considera-
 vamos deuses que liam em nossos
 corações; tinhamos menos vergo-
 nha de fazer mal e mais medo
 de ser accusados: começavamos
 a amotinar-nos, a esconder-nos,
 a mentir. Todos os vicios de nos-
 sra idade corrompiam a nossa in-
 nocencia e afeavam os nossos brin-
 quedos. O proprio campo perdeu
 a nossos olhos esse encanto de
 doçura e simplicidade que vai ao
 coração: parecia nos deserto e
 sombrio; dir-se-ia coberto dum
 véo que nos occultava as suas
 bellezas. Deixamos de cultivar os
 nossos pequenos jardins, as nos-
 sas ervas, as nossas flores. Já não
 iam raspar levemente a terra e
 gritar de alegria ao descobrir o
 germen do grão que tinhamos
 semeado. Desgostamo-nos daquel-
 la vida; desgostamo-nos de nós;
 meu tio retirou-nos, e nós sepa-
 ramo-nos dos Lamb-cier, fartos
 uns dos outros, e com pouca
 pena de nos separarmos.

Que os educadores, pais ou
 mestres, se abstenham do castigo,
 pai da hypocrisia, da mentira e
 da violencia.

que os educadores, pais ou
 mestres, se abstenham do castigo,
 pai da hypocrisia, da mentira e
 da violencia.

que os educadores, pais ou
 mestres, se abstenham do castigo,
 pai da hypocrisia, da mentira e
 da violencia.

MÃE!...

Ao insigne poeta mineiro e in-
 temerato livro-pensador Franklin
 Magalhães.

Mãe!... Palavra sublime que
 ao ser pronunciada envolve a
 nossa alma em doces e inebrian-
 tes effluvios!...

Quem ao balbuciar o doce nome
 de mãe não sente-se envolvido
 nessa aura divina, de amor, sabe-
 doria e virtude?...

Mãe!... Palavra magica que
 sóa ao nosso ouvido como um
 accordo celeste; ella recorda ao
 homem o seu principio material,
 unico meio pelo qual a alma se
 purifica das suas imperfeições para
 alcançar as espheras superiores
 em busca da suprema felicidade.
 Mãe!... Synthesi sublime de
 tudo o que vive e que se agita
 na terra!... Tu és a intermedia-
 ria da natureza, para o desenvol-
 vimento da plastica organica, sem
 a qual o principio intelligente
 não evoluiria, limitando-se ás sen-
 sações moraes, e permanecendo
 eternamente em um plano inferior
 e restricto.

E' nas condições de mãe que
 a mulher se presta a desenvolver
 e completar as formas creadas
 pelo o homem.

Sublime missão tem na terra a
 mulher, quando se compenetra do
 seu papel de reproductora.

Quem ao ve-la passar, acom-
 panhada de seus louros e vivazes
 filhinhos, não sente-se possuido
 de immenso respeito?...

Que contraste extraordinario en-
 tre a mulher social, e a claus-
 tral!... Que differença de viver
 entre o mundo profano e o religio-
 soso!...

Quem não se sente triste, ao
 lembrar que através das grossas
 paredes dos trezicos mosteiros,
 em estreitas e escuras cellas, vi-
 vem tantas infelizes creaturas in-
 differentes á missão do seu sexo?...

Quantas esposas castas e amoro-
 sas, quantas mães desveladas deixam
 de existir na sociedade, de-
 vido ao egoismo inqualificavel
 duma classe, cujos membros dizem
 ser inspirados, e que no entanto
 nada mais são do que masturbadores
 de cerebros frageis, e pervertidos
 de honras.

Mãe!... Porque não tens no
 mundo, nas sociedades cultas, a
 mesma consideração e respeito
 que gozam essas mulheres hypo-
 critas e ociosas, que fogem do
 borborinho mundano, enclausuran-
 do-se estupidamente nos lupana-
 res fradescos?...

Talvez por não trazeres afe-
 lada ao rosto a mascara da hy-
 pocrisia, como trazem essas mães,
 criminosas que habitam os con-
 ventos e casas piás, (freiras e
 irmãs de caridade) que julgam
 encobrir as suas fraquezas e des-
 vios sob a tunica que envergam.
 Mãe!... Santo e doce nome,
 onde quer que seja pronunciado:
 cá fóra, no mundo profano, cheio
 de amor e poesia; lá dentro, po-
 rém, na cella estreita e escura do
 convento tragico e odioso!...

Insensatos aquellos que buscam
 se illudir, fingindo ignorar que a
 natureza é ura e unica na gran-
 de lei genésica; que a femca é
 para o macho, quer do reino ani-
 mal, quer no vegetal.

Sociedade hypocrita, de fingi-
 dos cégos, é essa que consente
 que a mãe virtuosa seja umbrun-
 brada por essas megeras de ha-
 bito, inuteis e perigosas mulheres
 que vivem immoralmente em pro-
 miscuidade com esses satyros de
 batina, e de burel, valentes gar-
 nhões do «haras» romano, os
 quaes criminosamente desempe-
 nam as suas funções nas castas
 e amorosas esposas de Deus.

Monstros insaciaveis nos gozos
 da materia, chafurda os teus sen-
 tidos nos prazeres ephemeros da
 carne, mas, ensina ao menos ás
 victimas dos teus lubricos desejos
 a serem mãas perante Deus e os
 homens.

FERNANDO DE SOUZA.
 S. João d'El-Rey.

O ensino racionalista

A Associação da Escola Mo-
 derna do Rio de Janeiro acaba
 de editar em elegante folheto, a
 conferencia que sob o titulo
 acima foi realizada, em maio pas-
 sado, naquella capital, pelo dr.
 Mauricio de Medeiros.

O folheto contém tambem os
 estatutos da Liga Internacional
 para a Educação Racional da
 Criança e da Liga do Rio de
 Janeiro.

Está á venda nas seguintes
 condições: 1 ex. 300 réis. Pa-
 cote de 10, 2\$500; de 20, 4\$,
 Pedidos acompanhados da respec-
 tiva importância ao thesoureiro
 da Associação Escola Moderna,
 Manuel Quesada, rua do Senado,
 63—Rio de Janeiro.

Venda de livros

Um nosso amigo, tencionando reti-
 rar-se desta cidade, resolveu por
 commodidade pôr á venda os volumes
 abaixo designados:

- A 2\$000 O VOLUME
Eléments de Science Sociale, Dr.
 Drysdale;
- La Grande Famille* (romance), J.
 Grave;
- L'Individu et la Société*, J. Grave.
- Les Inquisiteurs d'Espagne*, F. Tari-
 da del Marmol;
- Sous la Casaque*, Dubois-Desautelle;
- En marche vers la Société Nouvelle*,
 C. Cornéliussen;
- Biribi*, G. Darien;
- O Socialismo e a Evolução industrial*,
 Vandervelde;
- Récitations physiques* (enoad), A.
 Castillon.
- Combat pour l'Individu*, G. Palante;
- Novæ Selectæ Franccæ*, Carlos Kahn,
 5.ª ed.;
- Revue de Physique et de Chimie*, 4.º
 anno;
- Leçons de Physiologie*, Claude Bor-
 nard (cours du semestre d'été 1855);
- J. J. Rousseau, *Lettres de la monta-
 gne; théâtre; poesies; botanique; mu-
 sique*;
- Direito operario*, Evaristo de Moraes;
- The English Student*, trad. Said Ali;
- Seyndo Certamen Socialista*, Barcelo-
 na;
- Bibliographie de l'Anarchie*, M. Net-
 tlian;
- Histoire de la littérature française*,
 J. Demogeot.

- A 3\$000
Guerre — Militarisme, pref. de Gra-
 ve (enoad).
- Dictionnaire français-allemand et alle-
 mand-français*, Thibaut;
- Physique* (1200 pag.), Ganot;
- A 2\$500
Le Géologie, H. Guéde;
- Théâtre de Sophocle*.

- A 1\$000
Instruction civique, Hervé;
- Leur Patrie*, Hervé.
- Le Coopérationisme*, A. D. Banoel.

- A 500 rs.
Littérature italiana, Fornaciari;
- I Cinquecentisti*, F. Marchi (tráduo
 de escripturação mercantil);
- Grammatica francese*, Floetz;
- Grammatica portugueza* (para alle-
 mães), dr. Rotemann;
- Le mystère posthume*, dr. Lip Tay;
- O Alcáide de Santarem*, etc., A. Her-
 oniano;
- Thèmes Allemands*, Bacharach.

- La langue allemande*, F. Ahn;
- Grammaire allemande*, Desfontaines;
- Syndicalisme & Socialisme*, Lagar-
 della, Labriola, etc.
- La Confédération G. du Travail*,
 Pougnet;
- La Dicomposition du Marxisme*, Sorel;
- Politique et Socialisme*, Ch. Albert;
- Pelo correio, mais 100 réis por vo-
 lume, e para registro mais 200 rs.
 cada seis volumes.

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de
 canna com salvaguarda para evitar
 desastre. Privilegiado e premiado com
 diversas medalhas de bronze, prata e
 ouro. Progressivamente estão se espal-
 hando por este vasto paiz; já foram
 adquiridos por mais de 1.000 fazen-
 deiros que attestam a utilidade desta
 importante machina Inventor e fa-
 bricante

RAPHAEL STAMATO
 Filial, Rua da Alfandega, 194 —
 Rio de Janeiro.
 Fundição e Mechanica, Avenida Mar-
 tim Burchard, 146 — S. Paulo.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

- EM PORTUGUEZ
 Nathanael Pereira, *A Edu-
 cação Religiosa* . . . \$200
- Ex-padre Guilherme Dias,
O que é o celibato . . . \$200
- Pedro de Mello, *Sonho
 Dantesco* . . . \$200
- Marco A. Dancetti, *Gior-
 dano Bruno* . . . \$200
- Gorki, *Os amassadores* . . . \$200
- Pinho, *Pela Educação e
 pelo Trabalho* . . . \$200
- Motta Assunção, *O In-
 fantocidio, drama* . . . \$300
- EM HESPAÑHOL
 R. Chaughi, *Immoralidad
 del Matrimonio* . . . \$100
- J. Rutgers, *Las Guerras
 y la Densidad de la
 Población* . . . \$100
- M. Devaldès, *Mathusia-
 nismo y Neo-Mathusia-
 nismo* . . . \$100
- Ch. Drysdale, *Dignidad,
 Libertad é Independen-
 cia* . . . \$100
- A. Pellicer Paraire, *El
 individuo y la masa* . . . \$100
- C. S. Darrow, *Crimen y
 Criminales* . . . \$100
- S. Faure, *El Problema de
 la Población* . . . \$100
- A. Hamon, *Compendio de
 la Historia del Socia-
 lismo* . . . \$200

ELECTRA

Drama anti-clerical em 5 actos,
 do afamado escriptor hespanhol
 B. Peres Galdós.

Esta peça valeu ao seu autor
 um renome universal, provocando
 grandes applausos em todas as
 platéas onde foi representada.

Em toda a parte foi ella bem
 aceita, tendo sido causa de gran-
 des agitações e provocando a
 furia da padralhada.

Livre de porte, custa 1\$500 o
 volume, que contém 130 paginas.

Agencia Libertaria

DE
MOACYR CAMINHA

Acceptam-se consignações de li-
 vros, opusculos, etc.; agencia ou
 correspondencia de revistas, jornaes
 ou quaesquer outras publicações,
 Desconto no commissão conforme
 accordo. Dos periodicos de propa-
 ganda revolucionaria não se accepta
 nenhuma remuneração.

Pontualidade e exactidão.
 Façam propostas.

Rua Senador Pompeu, 241
 FORTALEZA — (CEARA')

Fabrica de Fumos "Braz"

FUNDADA EM 1887

Escusado é dizer-se que esta é a
 unica fabrica que vende sem
 reserva de preços. Seus productos
 são conhecidos em todo o
 Estado

Perreira & Comp.
 Avenida Rangel Pestana, 66
 — S. Paulo —

A Velhice do Padre Eterno

Extraordinaria obra do grande
 poeta Guerra Junqueiro, que trans-
 formou a sua penna brilhante em
 ferro em braza a queimar desapieda-
 damente a purulenta chaga clerical.

Este livro, que é considerado
 um dos mais ferozes contra a
 Igreja, merece uma excommu-
 nhão do Papa.

Custa 2\$000, franco de porte.

O Papa Negro

Importante romance historico,
 de Mezza Botta, contendo 520
 paginas e 18 suggestivas illustra-
 ções.

Neste livro é da historia a fun-
 dação e o desenvolvimento na
 Europa da Companhia de Jesus,
 a fundação da Maçonaria e a sua
 corajosa luta contra os tremen-
 dos planos dos seus antigos com-
 panheiros, chefiados por um dos
 antigos membros, Ignacio de Loyo-
 la. Discripção clara e minuciosa
 dos meios empregados para do-
 minar o mundo, pela submissão
 dos reis e imperadores.

Preço dos dois volumes, 2\$000
 franco de porte.

PUBLICAÇÕES De propaganda anticlerical

Dott. Simon — "Viaggio umo-
 ristico attraverso i dogmi e le
 religioni." 1\$.
 Dott. Simon — "Nè dio, nè
 anima" 600 réis.

Guido Podrecca — "Monolghì:
 Il cuore di un morto—Delinquente
 nato—Assassino!—Recluso volon-
 tario." 600 réis.

Abele Dal Canto — "La Messa
 svel